



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO  
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA

LUCAS SANTOS SOUZA

**CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES ACERCA DAS  
INFECÇÕES SEXUAIS TRANSMISSÍVEIS (ISTs) NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO  
MUNICÍPIO DE ARACAJU/ SE**

SÃO CRISTÓVÃO-SE  
2018

LUCAS SANTOS SOUZA

**CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES ACERCA DAS  
INFECÇÕES SEXUAIS TRANSMISSÍVEIS (ISTs) NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO  
MUNICÍPIO DE ARACAJU/ SE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Farmácia do Campus São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe, como requisito final à obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientador: Prof. Dr. Lysandro Pinto Borges

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2018

LUCAS SANTOS SOUZA

**CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES ACERCA DAS  
INFECÇÕES SEXUAIS TRANSMISSÍVEIS (ISTs) NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO  
MUNICÍPIO DE ARACAJU/ SE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em  
Farmácia do Campus São Cristóvão da Universidade  
Federal de Sergipe, como requisito final à obtenção do  
título de Bacharel em Farmácia.

São Cristóvão \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 201 \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Lysandro Pinto Borges**  
Orientador

---

**Prof. Dr. Makson Gleydson Brito de Oliveira**  
1º Membro

---

**Enf. Esp. Marília Oliveira Uchôa**  
2º Membro

## RESUMO

As infecções sexuais representam um significativo problema de saúde pública global. Estima-se que mais de um milhão de pessoas adquirem uma IST diariamente, sendo os adolescentes os mais acometidos por elas, no qual está associado ao início precoce da prática sexual, o pouco conhecimento sobre o assunto e a inadiplência quanto ao uso do preservativo. Frente a essa razão, a população jovem deve ser o foco principal das campanhas de prevenção afim de conscientizar e promover uma redução de novos casos de infecção. Baseado nisso, o presente estudo teve como objetivos promover ações educativas em saúde sobre IST/AIDS entre os escolares, adolescentes, de escolas públicas do município de Aracaju, Sergipe e avaliar conhecimento dos estudantes a respeito do assunto. No período de março a dezembro de 2017 foram selecionados escolares pertencentes à faixa etária de 12-18 anos, totalizando 302 indivíduos. Através de encenação teatral, os alunos receberam informações a respeito das principais infecções, sanaram suas dúvidas sobre sexo e foram avaliados quanto ao tema em questão. Quanto ao perfil dos estudantes foi observado o início precoce da atividade sexual, um prévio conhecimento sobre as principais IST e a importância da camisinha para prevenção da mesma, porém, foi constatado a baixa utilização no primeiro ato sexual e a resistência ao uso durante as demais relações sexuais. Sugere-se que práticas educativas devam ser criadas afim de que os adolescente, passe a utiliza-lo e assim evitar futuros agravos a saúde derivados das Infecções transmitidas sexualmente.

**Palavras-chave:** educação em saúde, IST/AIDS, adolescência.

## **ABSTRACT**

Sexual infections represent a significant global public health problem. It is estimated that more than one million people get an IST every day, with adolescents being the most affected by them, in which it is associated with the early onset of sexual practice, lack of knowledge about the subject and lack of compliance with condom use. Faced with this reason, this young population should be the main focus of prevention campaigns in order to raise awareness and promote a reduction of new cases of infection. Based on this, the present study aimed to promote educational actions on IST / AIDS health among schoolchildren, adolescents, public schools in the city of Aracaju, Sergipe, and to evaluate students' knowledge about the subject. In the period from March to December 2017 were selected students belonging to the age group of 12-18 years, totaling 302 individuals. Through theatrical staging, the students received information about the main infections, healed their doubts about sex and were evaluated on the subject in question. As for the profile of the students, it was observed the early initiation of sexual activity, a previous knowledge about the main STIs and the importance of the condom for its prevention, however, it was verified the low use in the first sexual act and the resistance to the use during the others sexual intercourse. It is suggested that educational practices should be created in order for the adolescent to use it and thus avoid future health problems arising from sexually transmitted infections.

**Keywords:** health education, IST/AIDS, adolescence.

## SUMÁRIO

<b><u>1 INTRODUÇÃO</u></b>	7
<b><u>2 REFERENCIAL TEÓRICO</u></b>	8
<u>2.1 Infecções sexuais: Panoroma geral</u>	8
<u>2.2 Adolescência e as ISTs/ HIV/ AIDS</u>	10
<u>2.3 O ambiente escolar e as infecções sexuais contagiosas</u>	11
<b><u>3 OBJETIVOS</u></b>	15
<u>3.1 Geral</u>	15
<u>3.2 Objetivos Específicos</u>	15
<b><u>4 METODOLOGIA</u></b>	16
<u>4.1 Delineamento do Estudo</u>	16
<u>4.2 Local de estudo</u>	16
<u>4.3 Ação educativa</u>	16
<u>4.4 Coleta de dados</u>	17
<b><u>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</u></b>	18
<b><u>6 CONCLUSÃO</u></b>	23
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b>	24
<b><u>ANEXO</u></b>	28

## 1. INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, disseminadas principalmente, por meio do contato sexual sem o uso de preservativo. Essas infecções apresentam elevados percentuais de incidência e prevalência no Brasil, expõem os indivíduos infectados a complicações mais graves e colaboram para a transmissão do vírus HIV (ARAÚJO et al. 2015, PASSOS et al., 2017).

No mundo, aproximadamente 25% de todas as infecções sexuais são diagnosticadas em jovens menores de 25 anos. Sendo a adolescência, o período em que a incidência dessas infecções cresce. Estudos evidenciam que o aumento no índice de adolescentes portadores de algum tipo de IST está associado: a falta de informações sobre essas infecções e suas formas de transmissão e prevenção, além do início precoce da atividade sexual e a inconsistência no uso de preservativos. Apesar da maior divulgação do assunto, principalmente na mídia, as informações transmitidas não englobam todas as ISTs e são insuficientes para alcançar de maneira igualitária a toda população, principalmente os mais jovens (BRASIL, 2014 MESQUITA et. al. 2017;).

Considerada como um grupo importante em termos de riscos epidemiológicos para as ISTs, a população adolescente serve como indicador de estratégias para o controle das infecções associadas ao sexo, logo deve ser o grupo prioritário das campanhas de prevenção. Baseado na promoção em saúde, é importante o reforço das informações acerca desse assunto, afim de que possa ser reduzido o número de novos indivíduos infectados (RODRIGUES et. al., 2014; MIRANDA et. al. 2016).

Diante do exposto, identificar o nível de informação dos jovens sobre as formas de transmissão e prevenção das IST's, pode favorecer a adoção de estratégias mais eficazes para o controle e prevenção dessas infecções e seus agravos.

Este estudo, portanto, tem como objetivo analisar o conhecimento dos estudantes de escolas públicas da cidade de Aracaju/SE sobre as infecções sexualmente transmissíveis e o HIV/ AIDS após uma intervenção educacional.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Infecções sexuais: panorama geral

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são infecções contagiosas, ocasionadas por vírus, bactérias, fungos e protozoários. São transmitidas, sobretudo, por contato sexual direto ou indireto e de forma eventual por via sanguínea, durante a gestação, no momento do parto e através da amamentação (PASSOS et al., 2017).

O termo Infecção sexualmente transmissível (IST) é atualmente utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), para melhor abranger as infecções contagiosas assintomáticas. Sendo então recomendado a substituição do termo doença sexualmente transmissível (DST) por IST, afinal, é possível uma pessoa ter e transmitir uma dessas infecções, mesmo sem apresentar sinais e sintomas (BRASIL, 2016).

Segundo as orientações para o tratamento de infecções sexualmente transmissíveis da OMS (2005) foram consideradas como IST: infecções por gonococos; infecções por: *Chlamydia trachomatis*, linfogranuloma venéreo, sífilis, cancroide, granuloma inguinal (donovanose), infecções por herpes genital, verrugas venéreas (genitais), vaginose bacteriana, candidíase, escabiose e piolho pubiano. Entretanto, o Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde apontam como IST: cancro mole, clamídia, gonorreia, condiloma acuminado (HPV), doença inflamatória pélvica (DIP), donovanose, herpes, infecção pelo vírus t-linfotrópico humano (HTLV), linfogranuloma venéreo, sífilis e tricomoniase (BRASIL, 2016).

Essas infecções sexuais transmissíveis, encontram-se entre as causas mais comuns de infecções no mundo e são consideradas como um problema de saúde coletiva. No Brasil, as estimativas desse agravo na população sexualmente ativa, a cada ano, são: 937 mil casos de sífilis; 1.541.800, gonorreia; 1.967.200, clamídia; 640.900, herpes genital e 685.400 com HPV (CARNEIRO et al., 2015).

Frente as estimativas da OMS (2013), mais de um milhão de pessoas adquirem uma IST diariamente. A cada ano, estima-se que 500 milhões de pessoas são acometidas por uma das IST curáveis (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoniase). Da mesma forma, calcula-se que 530 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus



do herpes genital (HSV-2) e que mais de 290 milhões de mulheres estejam infectadas pelo HPV (BRASIL, 2015).

Estudos evidenciam que as infecções sexuais transmissíveis possuem elevados percentuais de incidência e prevalência no Brasil, expõe os indivíduos infectados a complicações mais graves como infertilidade, câncer cervical, anal e de pênis. Além disso colabora com o aumento no risco de infecção pelo HIV (ARAÚJO et al., 2015; PASSOS et al., 2017).

Em relação ao HIV/ AIDS, dados do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) mostram que em 2017 houve 1,8 milhão de novas infecções por HIV (aproximadamente 1,6 milhão entre os adultos e 270.000 entre jovens menores de 15 anos). Apesar de representar uma queda, quando comparado com ao ano do pico de infecções pelo vírus em 1996 (3,4 milhões), esses índices continuam alto e gera preocupação. Como por exemplo na região da África subsaariana, que representa 60% das pessoas vivendo com HIV no mundo, e as mulheres representam 58% deste total. Na América Latina entre a população em geral a prevalência de HIV está em níveis estáveis, no entanto o Caribe ainda tem uma das mais altas taxas de prevalências. Todavia estão nas populações de alto risco, homens que fazem sexo com homens e transexuais correspondem a maioria dos casos incidentes (DE BONI, 2014; UNAIDS, 2016).

No Brasil, entre o período de 2007 até junho de 2017, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) 194.217 casos de infecção pelo HIV no Brasil, sendo 30.297 (15,6%) na região Nordeste. Cabendo ressaltar ainda, que a maioria das infecções se encontra nas faixas etária de 20 a 34 anos, com percentual de 52,5% desses casos. Já em relação a AIDS, desde 1980 a 2017, foram identificados no Brasil 882.810 casos. Sendo que nos anos de 2012 a 2016, a região Nordeste apresentou uma média, 8,8 mil casos ao ano (BRASIL, 2016).

Em Sergipe, nos últimos 30 anos, 6.376 casos de infecção por HIV/AIDS foram registrados. No que diz respeito aos adultos e crianças sergipanas, o SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) registrou 6.210 casos. Dentre os municípios, a capital sergipana, Aracaju, apresentou a maior prevalência (44,99%), seguida por Nossa Senhora do Socorro (9,4%) e Itabaiana (4,5%). Sendo a faixa etária entre 30 e 39 anos (34,5%) a mais prevalente.

Dados do boletim epidemiológico da Organização Mundial da Saúde – OMS (2014) mostram a ocorrência de um crescimento no número de casos de ISTs entre a

população jovem, sendo que entre o período de 2004 a 2013, 25% dos casos registrados ocorreram na faixa etária inferior aos 25 anos (BRASIL, 2014). Somado a esse, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças americano (CDC) também gerou um alerta para o “boom” de ISTs entre os jovens de 15 a 24 anos. De acordo com a agência, eles respondem por 53% dos casos de gonorreia e 65% dos de clamídia nos Estados Unidos (BERNARDO, 2018).

O número de novos casos acometendo jovens, segundo Costa (2013), está associado ao início da vida sexual precoce, a curiosidade, bem como a necessidade de afirmação em grupos. Fatores esses, que levam alguns adolescentes a se envolverem em comportamentos de experimentação arriscada, não aderindo às medidas de prevenção, tornando-os mais suscetíveis a adquirirem e transmitirem tais infecções (COSTA et al., 2013).

Arelado a isso, por não apresentarem manifestações evidentes no corpo, muitos indivíduos não sabem que são portadores de ISTs, o que tem tornado essas infecções um sério problema de saúde pública mundial devido aos altos índices de casos e pela fácil disseminação, que vem aumentando a cada ano, principalmente entre adolescentes e jovens (AZEVEDO et al., 2014).

## **2.2. A adolescência e as ISTs/HIV/AIDS**

A lei brasileira, através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera adolescente, o indivíduo de 12 a 18 anos de idade. Essa faixa etária compreende um período marcado por modificações físicas e comportamentais, na qual a procura e a curiosidade por novas experiências e a falta de orientações sobre as mudanças, pelas quais estão passando, deixam os adolescentes mais expostos a situações de risco, principalmente em relação as Infecções Sexualmente Transmissíveis/ISTs (QUEIROZ et al., 2016).

É durante a adolescência que a incidência das infecções sexuais transmissíveis cresce. Nessa fase da vida aumenta-se a vulnerabilidade dos jovens a esse tipo de infecção, na qual está associada as transformações fisiológicas decorrente da puberdade e ao início da vida sexual precoce. Segundo informações da Organização Mundial da Saúde (OMS), os adolescentes iniciam a sua vida sexual cada vez mais cedo, a maioria entre 12 e 17 anos, desacompanhada da responsabilidade social que tem o seu início cada vez mais tarde (PORTELA et al. , 2013; MESQUITA et al., 2017).

Para Soares (2015) o início da relação sexual adiantada entre os adolescentes é um fator decisivo para que se tenha um aumento no índice de jovens com IST e AIDS, e uma das causas disso é devido à ausência de informações sobre a vida sexual e como se prevenir contra essas patologias (SOARES et al., 2015). De acordo com Gonçalves (2016) a mudança psicológica comum nessa fase da vida, modifica o pensar e o agir dos adolescentes na medida que o novo surge, e com isso iniciam cada vez mais cedo as relações sexuais, sem o devido conhecimento sobre a forma de prevenção das infecções sexuais transmissíveis/ HIV/ AIDS (GONÇALVES et al., 2016).

Como a falta de conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis é determinante para adquirir-se uma IST, segundo Teixeira (2015), observar o quanto uma pessoa, nesse caso adolescente, sabe sobre IST é essencial para que intervenções sejam elaboradas, e assim, evitar um problema de saúde derivado dessas infecções (TEXEIRA et al.; 2015).

Para Silva (2015), essa investigação do conhecimento juvenil sobre IST/AIDS, tanto em escolas, como em ambientes não escolares de distintas regiões é essencial, pois o Brasil é um país heterogêneo e apresenta muitas culturas e por consequência pode mostrar diferentes perfis de conhecimento sobre o mesmo assunto. E apesar dos inúmeros estudos já realizados com adolescentes, ainda se enfrenta o crescimento da epidemia da AIDS no país (com mais intensidade em homens jovens que fazem sexo com homens) (WHO, 2015).

A implementação de estratégias educativas com esforços conjuntos de educadores e profissionais da saúde, tem dentre os objetivos a prevenção de IST/HIV/AIDS. Deste modo, a integração entre os profissionais da saúde e da escola no desenvolvimento de ações educativas com os adolescentes, podem produzir novas maneiras de pensar e agir na saúde sexual e reprodutiva favorecendo a redução de riscos e a promoção da saúde desta população (GONÇALVES, 2015).

### **2.3. O ambiente escolar e as infecções sexuais contagiosas**

A escola corresponde ao espaço de socialização, produção e disseminação do conhecimento, sendo essa também, o ponto de encontro onde a maioria dos adolescentes passa a maior parte do tempo. É importante que nesse ambiente os

profissionais da educação trabalhem intervenções abordando esses temas, de forma que, aproxime os escolares dessa realidade (SANTOS et al., 2017)

Apesar da ampla divulgação da mídia acerca das questões que envolvem a sexualidade e a vida sexual e do volume de informações veiculados na internet, o conhecimento sobre a temática do ambiente escolar ainda é insuficiente entre os adolescentes, podendo culminar na formulação de conceitos distorcidos e favorecendo comportamentos de risco (PINHEIRO et al., 2017).

Em um estudo realizado em 17 escolas da rede pública de ensino do município de Picos, no estado do Piauí, com alunos do terceiro ano do ensino médio, focando a problemática do HPV, constatou-se que a maioria não possui conhecimento satisfatório sobre essas infecções e que as escolas em questão não estão desenvolvendo projetos e ações informativas sobre saúde preventiva, sexualidade e orientação sexual (NASCIMENTO, 2013).

Somando a esse, uma pesquisa realizada com adolescentes no ambiente escolar (2015), provou que o tema ISTs HIV/AIDS tem sido abordado na escola, porém, de forma superficial e incipiente, na qual não é feita uma abordagem mais completa que possa contribuir de forma significativa na aprendizagem dos alunos (SILVA, 2015). Mostrando assim a necessidade de medidas educativas mais eficientes para transmissão dessas informações.

De acordo com Queiroz (2016), é necessária uma aproximação maior com a realidade dos adolescentes, incluindo os seus saberes e desenvolver ações educativas com participação ativa dos mesmos, essencialmente no ambiente da escola, vislumbrando práticas sexuais seguras de modo a promover a prevenção das ISTs e a gravidez não planejada (QUEIROZ, 2016).

Ainda, conforme afirma Monteiro (2014), a prevenção é a estratégia básica para o controle da transmissão das ISTs. O uso de preservativos e a adoção de medidas e atividades educativas efetivas por meio da constante informação são fatores que contribuem para a redução das taxas crescentes destas doenças, reduzindo assim, o ônus para o sistema de saúde e as complicações relacionadas a qualidade de vida da população jovem (MONTEIRO et. al., 2014).

A educação sexual é um tema importante para promoção à saúde, especialmente com adolescentes e jovens. Estudos têm destacado a importância e a efetividade das ações de promoção e educação em saúde sobre ISTs/HIV/AIDS para

adolescentes, utilizando diversas estratégias que são passíveis de aplicação e reprodutibilidade (PINHEIRO et al., 2017).

Em estudo desenvolvido em escolas públicas no nordeste brasileiro (2013) mostrou que a realização de plantões educativos, voltado aos adolescentes, envolvendo a temática sexualidade e infecções transmissíveis contribuiu para melhor aprendizagem dos alunos. No qual se utilizou medidas que aproximaram a linguagem dos educadores à da população em estudo, os adolescentes (COSTA, 2013).

Outro trabalho, descrito na literatura, desenvolvido em quatro escolas na Carolina do Norte (EUA) envolvendo 62 educadores em saúde e 678 jovens do ensino médio, mostrou que através de oficinas educativas e apresentações lúdicas os educadores conseguiram facilitar a aprendizagem dos alunos sobre o tema IST/ HIV/ AIDS quando comparado com o ensino tradicional (LAYZER et al., 2014).

Para Rodrigues et. al. (2014) as Infecções Sexualmente Transmissíveis em adolescentes refletem o padrão de IST na população adulta. Os jovens adolescentes servem como um indicador de estratégias de controle de IST. Por isso as campanhas educativas devem ser voltadas a essa faixa etária, de modo que sejam transmitidas de maneira didática, afim de que o conhecimento possa ser disseminado, absorvido e consolidado (RODRIGUES et al., 2014).

A educação em saúde é uma vertente primordial na precaução e no tratamento das infecções sexualmente transmissíveis e AIDS. É de extrema importância que os educadores e profissionais da saúde, reforcem a população sobre a relevância do uso de preservativos para a proteção do indivíduo em relação a essas infecções. Pois o uso desse é crucial para o controle do HIV/AIDS (PIEDRAHITA, 2017).

Mesmo tendo o conhecimento sobre o que é uma IST, os adolescentes ainda estão vulneráveis a elas por apresentarem comportamentos que os expõem, como o não uso do preservativo em todas as relações sexuais. Nesse sentido, argumenta-se sobre a necessidade de campanhas que reafirmem a importância do preservativo para que a população venha promover relações sexuais seguras e se prevenir das infecções sexuais (SILVA et. al., 2015).

Em um outro estudo, desenvolvido em uma escola técnica em Minas Gerais, os pesquisadores mostraram que a maioria dos adolescentes, mesmo conhecendo os métodos contraceptivos, iniciam a vida sexual sem proteção e, no seguimento da atividade sexual, quase 30% não se protege, tanto na contracepção como contra as IST/AIDS (MIRANDA et al, 2016).

Acrescido a isso, observa-se que o conhecimento que os adolescentes possuem não reflete nas atitudes, pois não incorporaram comportamentos de prevenção no seu cotidiano e nas relações sexuais. Conforme revelou pesquisa realizada com 234 adolescentes de 13 a 19 anos, em uma escola pública de Fortaleza: dos 46,6% dos alunos que já tinham iniciado a vida sexual, 40,7% não utilizaram preservativo na primeira relação por não possuir, não lembrar e agir por impulso nas relações sexuais imprevistas (LUNA et al., 2013).

Ainda em relação ao uso do preservativo, é possível observar também, uma diferença relevante entre o gênero e a importância dada por cada um deles. Em um estudo realizado com escolares públicos no estado do Rio de Janeiro (2016), parte dos homens avaliados utilizam a camisinha como forma de prevenção contra as IST, por sua vez, as mulheres relaciona o emprego do preservativo a um método contraceptivo para prevenir uma possível gravidez inesperada (SOARES et al., 2016).

Somado a questão do gênero, Bezerra et. al (2015) demonstraram em seus estudos que a cultura, crenças, tabus e mitos relacionados ao preservativo, como diminuição do prazer, impotência sexual e desconforto, por exemplo, implicam na falta de adesão ao preservativo. Parte dos meninos avaliados afirmaram não utilizar a camisinha pois essa não oferece prazer, ser ruim ou desconfortável. Por outro lado, as meninas, sustentaram a importância da utilização do preservativo, mas se houver confiança entre os parceiros a utilização pode ser evitada.

Estratégias que promovam a melhoria da vigilância epidemiológica e a disseminação da informação poderão contribuir para a gestão das ações de prevenção de infecções sexuais transmissíveis, HIV/AIDS e mudança nos indicadores de saúde para a população em geral, principalmente aos adolescentes.

Baseada na promoção em saúde, o presente trabalho foi desenvolvido para auxiliar a população adolescente vulnerável à não adquirir as infecções sexuais contagiosas e os agravos derivado delas. Além disso, analisar o conhecimento dos adolescentes escolares, da rede pública de ensino, no município de Aracaju/ SE a respeito das principais infecções sexuais (ISTs).

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivos Gerais**

Analisar o conhecimento dos alunos da rede pública de ensino, sobre a temática: infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)/AIDS, após uma intervenção educacional voltada a esse assunto.

#### **3.2. Objetivos específicos**

- Disseminar conhecimento a respeito das principais ISTs e o método de prevenção.
- Analisar o conhecimento dos alunos sobre as Infecções sexuais contagiosas e o HIV/AIDS.
- Analisar na população estudada qual a predominância de atividade sexual quanto ao gênero, e em relação a idade da primeira relação sexual.
- Verificar a incidência quanto ao uso de preservativos, sinais e/ou sintomas relacionados às IST.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1. Delineamento do estudo**

Trata-se de um trabalho com caráter descritivo, derivado do projeto de extensão “SAÚDE, PREVENÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE IST/AIDS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ARACAJU/SE”, desenvolvido no período entre março e dezembro de 2017 na cidade de Aracaju/ Sergipe. No qual teve como ideia principal disseminar assuntos ligados as infecções sexuais transmissíveis e analisar o conhecimento dos alunos, adolescente, regulamente matriculados na rede pública de ensino, a respeito dessas infecções transmitidas sexualmente.

Para o desenvolvimento do projeto, optou-se pelas turmas do sétimo, oitavo e nono ano, afim de selecionar alunos adolescentes da faixa etária de 12 a 18 anos.

### **4.2. Local de estudo**

O campo de estudo correspondeu a sete escolas públicas predefinidas e localizadas na cidade de Aracaju/SE, sendo elas:

- Escola Municipal de Ensino Fundamental Olga Benário
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Laonte Gama da Silva
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Sérgio Francisco
- Escola Estadual Rodrigues Dorea
- Colégio Estadual SEN. José Alves Nascimento
- Escola Estadual Monteiro Lobato
- Escola Estadual Jacinto de Figueiredo Martins.

### **4.3. Ações educativas**

Para intervir na educação sexual dos adolescentes foi elaborada uma peça teatral, com danças e paródias demonstrando como as ISTS/AIDS podem ser adquiridas e como preveni-las. As cenas transmitiam a informação em uma linguagem mais próxima da realidade desses cidadãos, afim de que a mensagem pudesse ser melhor fixada.

A princípio os alunos foram reunidos no pátio/ auditório das escolas para assistirem à peça teatral, que envolvia assuntos relacionado as principais infecções



sexuais (HIV/AIDS, Sífilis, HPV, Herpes genital, Gonorreia, Clamídia). Encerada a apresentação, foi aberto um espaço, para que as dúvidas e questionamentos levantados pelos alunos fossem respondidas, de modo a acrescentar o conhecimento teórico sobre os assuntos em questão.

#### **4.4. Coleta de dados**

Para avaliar o conhecimento dos escolares a respeito das principais infecções sexuais, foi realizada uma pesquisa, por meio da aplicação de questionário aos estudantes de ambos os sexos regularmente matriculados nas escolas públicas na cidade de Aracaju/SE (mencionadas acima), após a exposição do conteúdo teórico/lúdico através da encenação teatral.

O instrumento para coleta de dados englobava temas mencionados na apresentação teatral, como as principais ISTs, por exemplo, além de tópicos relacionados ao comportamento sexual dos adolescentes e aspectos básicos sobre sinais de contaminação por alguma dessas infecções. (ANEXO)

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através desse projeto os escolares ampliaram seus conhecimentos na área abordada (ISTs). Tiveram a oportunidade de aprender de maneira didática e lúdica sobre o tema que ainda é visto como tabu e vergonhoso. Os alunos demonstraram interesse em participar, prestando atenção nos detalhes da apresentação, e após a interpretação teatral, alguns deles tiraram suas dúvidas a respeito do que não havia sido mencionado na apresentação, afim de adquirir um maior conhecimento no assunto.

Observou-se que os principais questionamentos dos adolescentes foram em relação a forma de contágio e sobre os sinais das infecções. Questões pertinentes foram levantadas por parte dos alunos, como por exemplo: o (aluno A), disse: “beijo na boca passa ISTs?”. “e o sexo oral... tem que fazer com camisinha?”, (aluno B). “todo corrimento é sintoma de uma IST?”, (aluno C). “o que eu faço para saber se a coceira é uma doença dessas aí?” (aluno D). “se aparecer algum desses sintomas o que eu faço?” (aluna E).

Ao final, os alunos puderam sanar suas dúvidas, entender as diversas formas de transmissão, prevenção e tratamento dessas infecções, podendo usar então, todas as informações recolhidas para benefício próprio (autocuidado), ou, transmitir para seus amigos e familiares, afim de que o conhecimento adquirido possa ter uma maior disseminação.

No total, sete escolas da rede pública de ensino receberam a equipe do projeto (sendo três da rede municipal e quatro da rede estadual) e 302 estudantes adolescentes foram alcançados com o mesmo. Da amostra total de escolares, 145 correspondiam ao sexo masculino (48%) e 157 ao feminino (52%), e a faixa etária teve variação entre 12 a 18 anos, sendo que a média correspondeu a 14 anos de idade.

Baseado nos resultados obtidos através do questionário, quando analisado o perfil dos escolares, observou-se que a atividade sexual não correspondia a totalidade dos alunos, já que 104 haviam praticado o sexo, enquanto 198 escolares não tiveram relações sexuais. Apesar do número de adolescentes que praticam o sexo ser maior do que os que não praticam é possível constatar que o início da atividade sexual precoce é uma realidade aqui no estado.

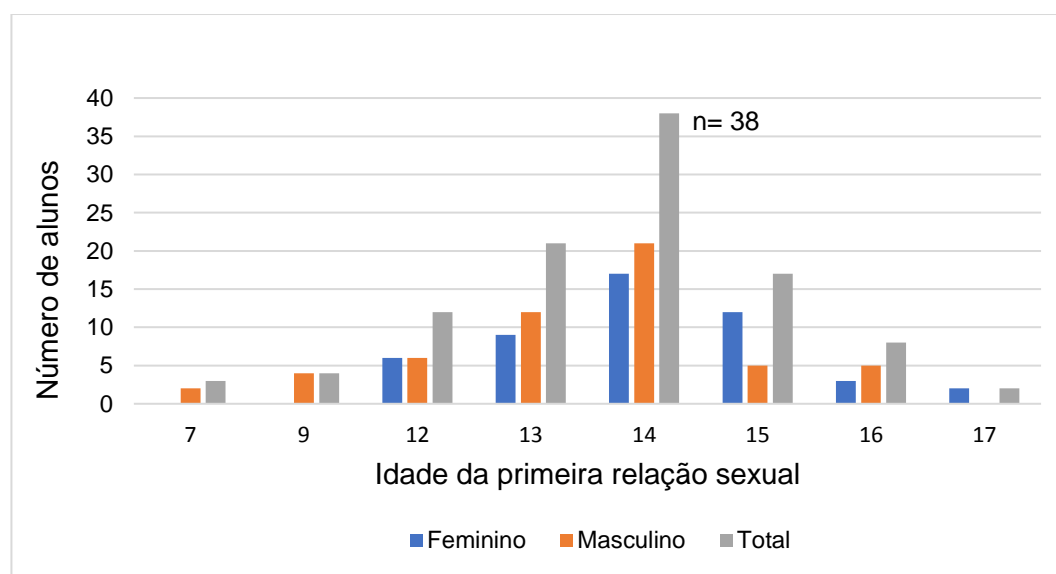
**Tabela 1.** Índice de adolescentes, matriculados na rede pública de ensino e a prática sexual.

	Feminino		Masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
<b>Sim</b>	49	<b>31,2</b>	55	<b>38</b>	104	<b>34,4</b>
<b>Não</b>	108	<b>68,8</b>	90	<b>62</b>	198	<b>65,6</b>
<b>Total</b>	157	100	145	100	302	100

Fonte: Pesquisa realizada com 302 estudantes, dados referentes a prática sexual, Aracaju, Sergipe, Brasil, 2017.

Tendo em consideração o início da vida sexual. A média de idade correspondeu a 14 anos, com amplitude de 12 a 17 anos para as meninas e de 7 a 16 para os meninos. E que 61,8% dos estudantes tiveram sua primeira relação sexual no intervalo entre 13 e 15 anos. Resultados similares foram observados por Dantas (2016) e Costa (2017), no qual apontaram que o início da atividade sexual corresponde a uma amplitude, entre 14 e 16 anos de idade e ainda, associam a menor idade ao pouco conhecimento sobre relação sexual segura e as infecções acarretadas por ela sem a devida proteção.

**Gráfico 1.** Distribuição dos estudantes em relação a primeira relação sexual

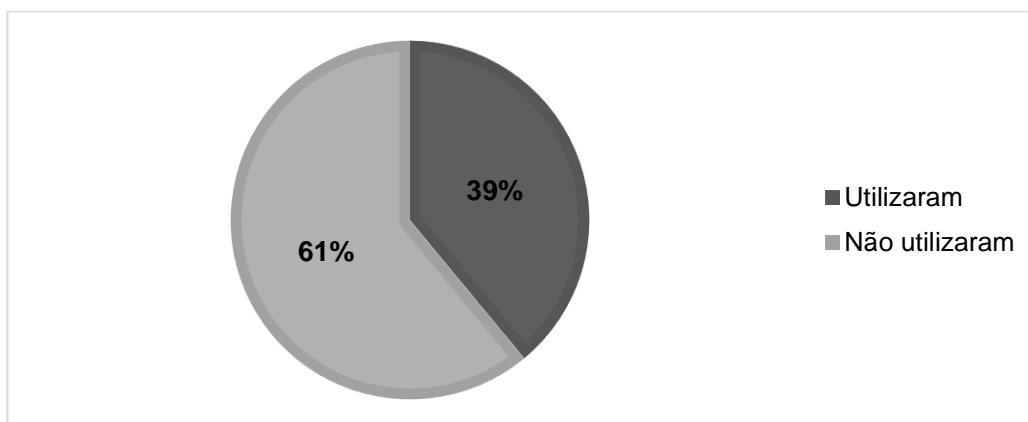


Fonte: Pesquisa realizada com 302 estudantes, dados referentes a idade da primeira relação sexual, Aracaju, Sergipe, Brasil, 2017.

A respeito do método preventivo para transmissão das IST/AIDS, foi verificado que 88% (n= 265) do total de estudantes de ambos os sexos sabem que uma pessoa pode adquirir uma infecção sexual caso tenha relações e não utilizem a camisinha. Porém ao verificar o parâmetro utilização do preservativo em suas relações sexuais foi possível constatar que muitos dos adolescentes sexualmente ativos não aderem ao uso, e assim tornam-se indivíduos expostos ao risco de contaminação por algum tipo de IST.

Levando em consideração o parâmetro: primeira prática sexual e o uso do preservativo, apenas 39% dos discentes sexualmente ativos, afirmaram ter utilizado camisinha, enquanto 61% não fizeram uso do preservativo. Esse resultado não difere da realidade vivenciada por muitos adolescentes, visto que devido a imprevisibilidade do ato sexual, não possuir o preservativo na hora do sexo, ou até, por conta do mito de ser incomodo durante o sexo, favorece e colabora com a não adesão da camisinha na primeira relação sexual (LUNA, et al. 2013; SOARES et al, 2016).

**Gráfico 2.** Utilização da camisinha na primeira relação sexual



Fonte: Pesquisa realizada com 302 estudantes, dados referentes a primeira relação sexual, Aracaju, Sergipe, Brasil, 2017.

No que concerne a frequência de uso do preservativo, 57% dos escolares (28 mulheres e 31 homens) responderam que utilizam, enquanto 43% (21 mulheres e 23 homens) não costumam usar a camisinha em suas relações sexuais. Pesquisas nacionais, envolvendo adolescentes, mostram resultados semelhantes ao do presente estudo, no qual relaciona o baixo uso do preservativo a imprevisibilidade do ato sexual e ao número de relação com múltiplos parceiros, esses são fatores típicos da

população adolescente e que colabora para explicação da não utilização da camisinha.

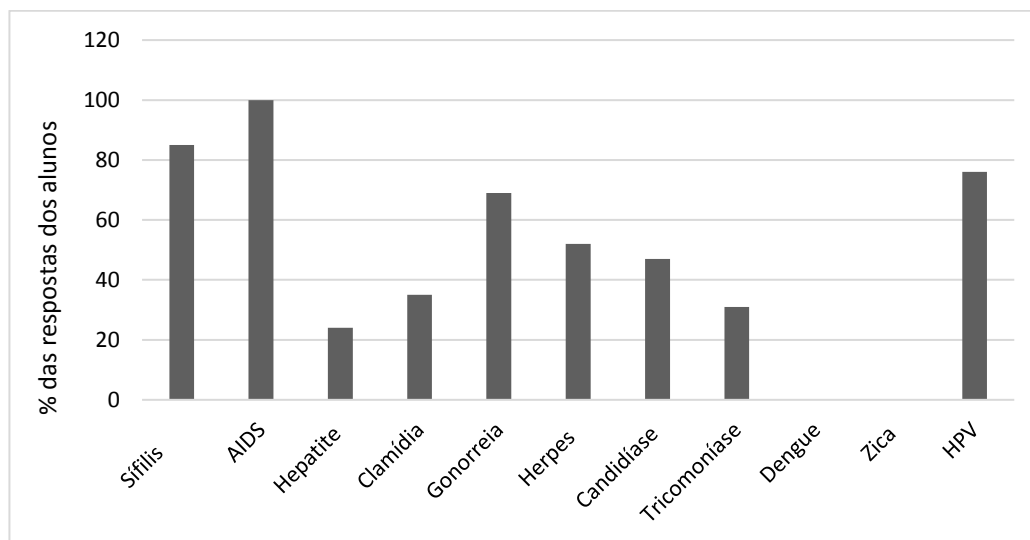
Apesar do resultado evidenciar que alguns adolescentes usam preservativos em todas as suas relações sexuais e fazem o papel correto para prevenção das ISTs, os demais, que não se previnem, estão expostos e vulneráveis a infecção, por ignorância e despreocupação com os riscos de uma futura infecção. Com isso têm-se a necessidade de compreender o porquê da não adesão, pois em cima dessas respostas, estratégias de orientação, que propagem sobre os benefícios do preservativo, devem ser criadas, afim de consolidar o tema a toda população, principalmente àqueles adolescentes que menos aderem.

Já em relação às questões sobre saúde sexual percebeu-se que a maioria dos adolescentes 97% (n=292) responderam não ter apresentado algum tipo de ferida ou verruga no pênis ou na vagina e 89% (n=268) dos estudantes responderam não ter notado alguma secreção ou líquido de cor diferente saindo do seu órgão genital. Esse resultado poderia ser visto como positivo em termos de sinais para constatação de algum tipo de infecção. Porém, existe a possibilidade de viés nesses dados, visto que o assunto trata da intimidade dos adolescentes e muitos desconfiam do sigilo das respostas, mentem ou omitem o que de fato acontece com o seu corpo, afim de evitar constrangimento caso essas informações possam ser divulgadas. Logo o resultado desse quesito não representa com fidelidade a presença ou ausência desses possíveis sinais de infecção. Além disso, deve-se mencionar que essas infecções possuem um período de latência para o aparecimento dos sinais, na qual são consideradas como assintomáticas e perigosas para os indivíduos infectados e não tratados (PEREIRA 2017)

Ao analisar sobre o conhecimento das principais infecções sexuais, constatou-se que, a IST mais conhecida é a AIDS, seguida da Sífilis e do HPV, (100%, 85%, 76% das respostas, respectivamente). Esse resultado pode ser explicado devido a maior frequência no diálogo durante a encenação teatral, além de serem abordados com maior frequência na mídia. Já as menos citadas foram Hepatite (24%), tricomoníase (31%) e Clamídia (35%), mostrando assim um déficit de informações a respeito das ISTs em questão. Com isso, observa-se a necessidade de uma maior explanação sobre todas as infecções transmitidas sexualmente, dentro do ambiente escolar, não apenas da AIDS, visto que, as demais infecções podem produzir agravos

sério a saúde que inviabilizarão o futuro desses adolescentes, caso seja infectado por alguma delas.

**Gráfico 3.** Percentual de alunos que conhecem ou já ouviu sobre as principais ISTs



Fonte: Pesquisa realizada com 302 estudantes, dados referentes às ISTs mais conhecidas entre adolescentes, Aracaju, Sergipe, Brasil, 2017.

Mesmo que os adolescentes possuam informações básicas sobre as ISTs, eles ainda necessitam de uma educação eficaz e contínua que envolva o tema, pois só assim irão adquirir conhecimentos que promovam mudanças no seu comportamento sexual. Considerando o início precoce das atividades sexuais, as informações acerca dos métodos preventivos e as principais infecções derivada do sexo desprotegido devem ser abordadas mais cedo no âmbito escolar, afim de alcançar aos adolescentes que são vulneráveis.

É importante que os profissionais da saúde estejam inseridos nesse processo educacional e junto com a equipe pedagógica das escolas formulem estratégias para disseminar aos adolescentes conhecimento a respeito das IST's para que estes jovens adotem em suas relações sexuais comportamentos seguros. Logo, a construção de práticas educativas nas escolas dará oportunidade aos adolescentes de questionarem, se envolverem e participarem, trabalhando suas próprias dúvidas, aprendendo sobre o assunto e com isso ficarão isentos dessas infecções sexuais.

## 6. CONCLUSÃO

Esse trabalho contribuiu de forma positiva para a formação do entendimento de adolescentes escolares sobre as infecções sexuais transmissíveis. Observou-se que o tema em questão, despertou a atenção dos escolares aracajuanos, pelo modo, que foi disseminado, na qual os mesmos sentiram-se seguros para expressar suas dúvidas e desmistificar alguns conceitos errôneos. Além disso, foi possível identificar que a prática sexual precoce é uma realidade entre os adolescentes, e grande parte desses indivíduos, detêm um prévio conhecimento sobre: IST/AIDS, como são adquiridas, assim como a importância do uso do preservativo para prevenção dessas infecções. Porém, constatou-se a baixa utilização do preservativo (camisinha) durante a atividade sexual, demonstrando assim, que nem sempre a teoria e o saber são postos em prática quando é necessário. Ressalta-se então, a necessidade de implementação de estratégias educativas que visem incentivar e conscientizar os adolescentes a utilizarem o preservativo, afim de que toda população adolescente, vulnerável, passe a utiliza-lo e assim evitar futuros agravos a saúde derivados das Infecções sexuais transmissíveis (ISTs).

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, B.D.S. et al. Análise da Produção Científica Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e Sua Relação Com a Saúde Escolar no Brasil. **Educação em revista**. Belo horizonte. v. 30, n. 3, p. 315-334, 2014.

BEZERRA, E.O. et al. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 84-91, Mar. 2015.

BERNARDO, A. et al. **Doenças sexualmente transmissíveis não param de crescer**: Investigamos o que está por trás do aumento nos casos de sífilis, gonorréia e clamídia. 2016. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/numero-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-nao-para-de-crescer/>>. Acesso em jul. 2018.

BRASIL. Ministério Da Saúde- **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS - 2014**. 2014. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/node/73>>. Acesso em 22 de jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério Da Saúde - **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS - 2016**. 2016. Disponível em <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/boletim-epidemiologico-de-aids-2016>>. Acesso em 22 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da saúde. **Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais**. O que são ists? Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>>. Acesso em 18 de jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas Para Atenção Integral De Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: ministério da saúde, 2015. 120p.

CARLETO, A.P. et al. Conhecimentos e práticas dos adolescentes da capital de Mato Grosso quanto às DST/AIDS. **DST – J. bras. Doenças sex. transm.** v.22, n. 4, p. 206-211, 2010.



CARNEIRO, R.F. et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **Revista de Políticas Públicas**, Sobral, v. 14, n. 1, p.104-108, jan./jun., 2015.

COSTA, A.C.P.J. et al. Vulnerabilidade de Adolescentes Escolares às DSTs/ HIV, em Imperatriz - Maranhão. **Rev. Gaúcha Enferm.** v. 34, n. 3, p. 179-186, 2013.

COSTA, A.C. **Conhecimento do uso da Camisinha Masculina na Prevenção das ISTs/AIDS nos Adolescentes de uma escola pública do estado de Sergipe - Uma atualização.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2017.

COSTA, A.C.P.J. **Plantão educativo para a prevenção de DST/HIV/ AIDS com adolescentes escolares.** 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Departamento de Enfermagem, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013

DANTAS, C.L. **Conhecimento do uso da Camisinha Masculina na Prevenção das ISTs/AIDS nos Adolescentes de uma escola pública do estado de Sergipe.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) – **Universidade Federal de Sergipe**, Aracaju, 2016.

DE BONI, R.; Veloso, V. G. E.; Grinsztejn, B. Epidemiology of HIV in Latin America and the Caribbean. **Curr. Opin. HIV AIDS.** v. 9, n. 2, pag.192-198, 2014.

GONÇALVES H. et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Rev. Bras Epidemiol.** v. 18, n.1, pag. 25-41, 2015

GONÇALVES, L.F.F. et al. Promoção de saúde com adolescentes em ambiente escolar: Relato de experiência. **SANARE, Sobral** - V.15, n. 2, p.160-167, 2016.

PINHEIRO, P.N.C.; GUBERT, F. A.; **Promoção da saúde e prevenção das DST/HIV/AIDS na adolescência.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. P. 368.

LAYZER, C.; ROSAPEP, L.; BARR, S. A peer education Program: delivering highly reliable sexual health promotion messages in schools. **J. Adolesc Health**, v. 54, n. 3, p. S70-7, mar. 2014.

LUNA I. T., et al. Conhecimento e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes em situação de rua. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 346-55, 2013.

MIRANDA, A.A.M. et al. Conhecimento acerca de DST/AIDS e métodos contraceptivos dos discentes dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG-Campus Juiz de Fora. **Multiverso**. v. 1, n. 1, pag. 25-36, 2016.

MONTEIRO S. S. et al. Discursos sobre sexualidade em um centro de testagem e aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários. **Ciênc. Saúde Colet.** v. 19, n.1, pag. 137-146, 2014.

MESQUITA, J. S. et. al. Fatores de risco e proteção entre adolescentes em relação as DST/HIV/AIDS. **Rev. Enferm. UFPE online**. Recife, 11(3):1227-33, mar., 2017.

NASCIMENTO, M. V. et al. O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV. **Semina: cienc. biol. saúde**, Londrina, v. 34, n. 2, p. 229-238, jul./dez. 2013.

PEREIRA, E. F.; VALE, Y. F. do. **Prevalência do conhecimento sobre IST/AIDS em adolescentes de escolas públicas na cidade de Aracaju / SE**. São Cristóvão, SE, 2017. Monografia (Bacharelado Farmácia) - Departamento de Farmácia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017

PORTELA, N. L. C.; ARAÚJO, L.P. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. **Revista Univap**, São José dos Campos, v.19, n.33, p. 13-24, 2013;

QUEIROZ, M. V. O. et al. Participação de adolescentes em ações educativas sobre a saúde sexual e contracepção. **Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde**. Fortaleza, v. 29 (Supl). p. 58-65, dez., 2016.

RODRIGUES, M. O. et al. Conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis. **R. Enferm. Cent. O. Min** ; v. 3, n. 4, pag. 1268-1280, 2014.

SILVA, A. T., et al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio sobre DST/AIDS no sul do Brasil. **Aletheia**, Canoas, n. 46, p. 34-49, 2015.

SILVA, R. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, n.57, p. 221-238, jul./set. 2015.

SOARES, L. R. et al. Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 76-84, 2015.

TEXEIRA, L. O. et al. Adaptação transcultural do Questionário sobre Conhecimento de Doenças Sexualmente Transmissíveis para o português brasileiro. **J. Bras. Psiquiatr.** v. 64, n. 3, pág. 247-256, 2015.

UNAIDS. Relatório informativo – Julho 2018. **Estatísticas globais sobre o HIV 2017**. Disponível em: <[https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/07/2018\\_07\\_17\\_Fact-Sheet\\_miles-to-go.pdf](https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/07/2018_07_17_Fact-Sheet_miles-to-go.pdf)>. Acesso em 25 de jul. 2018.

WHO. World Health Organization. **Global standards for quality health care services for adolescents.** 2015. Disponível em: <[http://www.who.int/maternal\\_child\\_adolescent/documents/global-standards-adolescent-care/en/](http://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/global-standards-adolescent-care/en/)>. Acesso em 22 de jul. 2018.

## **ANEXO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA  
**QUESTIONÁRIO**

1. Você é do sexo: ( ) Masculino ( ) feminino
2. Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_
3. Você já teve relações sexuais?  
( ) sim ( ) não
4. Quantos anos você tinha quando teve relações sexuais pela primeira vez? \_\_\_\_\_
5. Você usou camisinha quando fez sexo pela primeira vez?  
( ) sim ( ) não
6. Você costuma usar camisinha em suas relações sexuais?  
( ) sim ( ) não
7. Você já teve algum tipo de ferida ou verruga no seu órgão sexual (pênis ou na vagina)?  
( ) sim ( ) não
8. Você já notou alguma secreção (líquido de cor diferente) saindo do seu pênis ou vagina?  
( ) sim ( ) não
9. Você acha que uma pessoa pode pegar IST/AIDS se tiver relações sexuais sem usar camisinha?  
( ) sim ( ) não
10. Você acha que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger das infecções sexuais transmissíveis?  
( ) sim ( ) não
11. Quais das IST's abaixo você conhece ou ouviu falar:  
( ) Sífilis ( ) HPV ( ) Zica ( ) AIDS ( ) Hepatite ( ) Clamídia ( )  
Gonorréia ( ) Herpes ( ) candidíase ( ) tricomoníase ( ) Dengue

Chegamos ao fim. Agradecemos a sua paciência e a boa vontade em ajudar nesse trabalho. Obrigado!